

# Rússia estica a corda, UE ameaça e pressão sobre preços continua

O Kremlin cortou o gás à Polónia e à Bulgária, que já estão a ser abastecidos por outros países europeus. A atitude, vista como chantagem pela Comissão, faz o conflito energético subir mais um patamar, com perdas para todos.

VÍTOR RODRIGUES OLIVEIRA  
vitoroliveira@negocios.pt

Com a guerra a arrastar-se e a economia russa em apuros, Vladimir Putin fez nova investida, encostando dois países europeus à parede para que o pagamento do gás seja feito em rublos. A Comissão Europeia respondeu de imediato, prometendo uma resposta “unida e coordenada”, e o preço do gás disparou novamente. Até onde irá o braço de ferro?

“Não sei se as duas partes têm aqui grandes trunfos, porque qualquer decisão de uma das partes terá implicações negativas desse mesmo lado”, sublinha Nuno Antunes, advogado especializado em energia e direito internacional. “Este parece-me ser o paradoxo em que estamos neste momento em matéria de energia”, considera ao Negócios.

Também Henrique Tomé, da corretora XTB, entende que “certamente não há nenhum beneficiado com o atual contexto”, mas o analista acredita que para Moscovo a “situação talvez seja um pouco pior do que na Europa”. Sendo a exportação de produtos energéticos “vital para a economia russa”, no caso do gás, ao contrário do petróleo, “há uma grande carga de infraestrutura ligada à Europa que não consegue desviar no curto prazo para, por exemplo, países asiáticos, incluindo a própria China”. Ou seja, a quantidade de gás transportado pela rede de gasodutos que atravessam a Europa não dá para ser redirecionada sem perdas avultadas em Moscovo.

Neste capítulo, no entanto,



Pawel Supernak/Epa

A Rússia decidiu fechar a torneira do gás à Bulgária e à Polónia, no que é interpretado pela Comissão como uma chantagem à UE.



**Qualquer decisão de uma das partes terá implicações negativas nesse mesmo lado.**

NUNO ANTUNES  
Partner da Miranda Advogados

Nuno Antunes lembra que “o fator China” tem de ser levado em consideração: “Se a Rússia se virar para a Ásia e a China alinhar, nós sabemos como é que a China constrói — se quiser, constrói-se calhar um ‘pipeline’ num mês ou dois. Nós vimos aquando da pandemia como é que eles construíam hospitais em dois ou três dias”, afirma o especialista da Miranda Advogados.

Da parte da Rússia, o ministro das Finanças, Anton Siluanov, deu a entender que seria uma tarefa alcançável, ao ameaçar que “se os países do Ocidente recusarem” comprar gás em rublos, Moscovo

vai “procurar outras fontes” para o consumo de combustíveis fósseis.

Neste momento, a União Europeia depende da Rússia em cerca de 40% do gás natural, cerca de 25% das importações de petróleo e mais de 45% do carvão.

## Os avisos da Comissão

Pouco tempo após saber-se que a Rússia tinha mesmo cortado o gás à Polónia e à Bulgária, a líder do executivo europeu, Ursula von der Leyen, não teve dúvidas de que o Kremlin está a “tentar chantagear” a União Europeia. Considerando que a decisão russa “não é uma sur-

presa” e informando que a Polónia e a Bulgária já estavam a ser abastecidas por outros parceiros europeus, von der Leyen garantiu que “a Comissão tem vindo a preparar-se, em estreita coordenação e solidariedade com os Estados-membros e os parceiros internacionais”, prometendo uma “resposta imediata, unida e coordenada”.

A responsável adiantou que pretende acelerar o plano para reduzir “significativamente” a dependência face aos combustíveis fósseis russos já este ano, indo ao encontro do que já tinha defendido o primeiro-ministro italiano, Mario

Draghi. Uma das soluções, insistiu Von der Leyen, passa pelo acordo com os EUA para receber mais gás natural liquefeito neste ano e nos próximos.

## Cedências europeias

Ursula Von der Leyen avisou ainda os estados-membros que não devem comprar gás russo em rublos, uma vez que chocaria de frente com as sanções impostas por Bruxelas.

No entanto, há empresas europeias a ceder. Uma delas, noticia a Bloomberg, é a italiana Eni SpA, que vai abrir contas em rublos no Gazprombank, o principal veículo para receber pagamentos de gás russo.

A medida, diz a agência de notícias, é preventiva, porque a Eni aguarda diretizes do governo de Mario Draghi sobre as condições em que será possível comprar esse gás. Neste momento, ainda segundo a Bloomberg, já quatro empresas europeias cederam à pressão, pagando o gás russo em rublos.

O efeito desta tensão nos preços do gás fez-se sentir de imediato no mercado europeu, chegando a disparar mais de 20% na manhã desta quarta-feira. “É o receio de que a procura se mantenha elevada e a oferta cada vez mais limitada — um pouco semelhante ao que acontece com o petróleo”, lembra Henrique Tomé.

Preços elevados que, na opinião de Nuno Antunes, vieram para ficar: “Mesmo que a guerra acabasse neste momento estaríamos a falar de muitos meses, provavelmente um ano até o mercado começar a entrar numa estabilização — e isso dependeria também das soluções de abastecimento”, considera o especialista. ■